Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

OPINATIVOS E DE REVISÃO

AMOR É PARA SEMPRE, E A SEXUALIDADE? – IMPLICAÇÕES DAS VIVÊNCIAS SEXUAIS FEMININAS[1]

LOVE IS FOREVER AND SEXUALITY? – IMPLICATIONS OF FEMALE SEXUAL EXPERIENCES

¿EL AMOR ES PARA SIEMPRE Y LASEXUALIDAD? – IMPLICACIONES DE LAS EXPERIENCIAS SEXUALES FEMININAS

Manuela Emiliano Blanco[2]

Resumo: Este artigo tem como finalidade analisar e ampliar a compreensão da sexualidade no envelhecimento como uma oportunidade para a expressão da existência humana e do seu potencial criativo, estimulando a reflexão acerca do conhecimento e contato com o próprio corpo. A discussão em foco busca construir relações entre temáticas de caráter qualitativo e de perspectiva narrativa, por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, sob a ótica da Psicologia Junguiana com interlocuções sócio-históricas. A pluralidade psíquica sugere a sexualidade na velhice como uma parte significativa da vida emocional. O erotismo se conecta ao universo da fantasia e imaginação, estimulando a criatividade, podendo ser facilitador no enfrentamento das mudanças associadas ao envelhecimento. Afinal, ao ampliarmos a compreensão sobre o que é a sexualidade, podemos ampliar também as possibilidades de sua vivência.

Palavras-chave: Sexualidade; Envelhecimento; Criatividade; Psicologia-Junguiana.

Abstract: This article aims to analyze and expand the understanding of sexuality in aging as an opportunity for the expression of human existence and its creative potential, stimulating reflection on knowledge and contact with one's own body. The discussion in focus seeks to build relationships between themes of a qualitative nature and a narrative perspective, through an exploratory bibliographic review, from the perspective of Jungian Psychology with socio-historical interlocutions. Psychic plurality suggests sexuality in old age as a significant part of emotional life. Eroticism connects to the universe of fantasy and imagination, stimulating creativity and can be a facilitator in coping with the changes associated with aging. After all, by expanding our understanding of what sexuality is, we can also expand the possibilities of its experience.

Keywords: Sexuality; Aging; Creativity; Jungian-Psychology.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar y ampliar la comprensión de la sexualidad en el envejecimiento como oportunidad para la expresión de la existencia humana y su potencial creativo, estimulando la reflexión sobre el conocimiento y el contacto con el propio cuerpo. La discusión en foco busca construir relaciones entre temas de carácter cualitativo y una perspectiva narrativa, a través de una revisión bibliográfica exploratoria, desde la perspectiva de la Psicología Jungiana con interlocuciones sociohistóricas. La pluralidad psíquica sugiere que la sexualidad en la vejez es una parte importante de la vida emocional. El erotismo conecta con el universo de la fantasía y la imaginación, estimulando la creatividad y puede ser un facilitador para afrontar los cambios asociados al envejecimiento. Después de todo, al ampliar nuestra comprensión de qué es la sexualidad, también podemos ampliar las posibilidades de su experiencia.

Palabras clave: Sexualidad; Envejecimiento; Creatividad; Psicología Jungiana.

CC BY

[1]Artigo de trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em Psicoterapia Junguiana, da Universidade Paulista UNIP, submetido em 2024. O título faz referência aos versos da famosa canção interpretada por Rita Lee "Amor e Sexo" (Lee, 2003): "Amor é para sempre/Sexo também".

[2]Pós-Graduada em Psicoterapia Junguiana. Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, Brasil. manuelaeb.psi@gmail.com

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

Introdução

O tema da sexualidade, ainda hoje, é compreendido como tabu social, carrega uma série de preconceitos e estereótipos, apesar de ser comum ao desenvolvimento humano. É possível observar uma repressão e estranheza quando nos aproximamos da esfera sexual, mas, principalmente, da temática da sexualidade no envelhecimento.

Dessa forma, poderíamos compreender que a sexualidade no envelhecimento está contida em uma sombra pessoal e coletiva? Segundo Stein (2006), o constructo psíquico da sombra implica elementos estranhos ao ego, representando, assim, um lado oculto e por vezes repulsivo. Para lançar luz a esta análise, é fundamental a distinção entre sexo e sexualidade.

Senem e Caramaschi (2017) indicam que a palavra "sexo" tem origem no século XII, sendo comumente utilizada para distinguir o sexo masculino do feminino, com base em características fisiológicas. Já o conceito de sexualidade surge apenas no século XIX. Esse último relacionado à nossa capacidade de sentir, expressar nossos desejos e identidade (Senem; Carasmaschi, 2017). Assim, amplia-se o conhecimento que circunda o universo sexual.

Atualmente, observa-se como os desejos pessoais são influenciados e moldados por fatores sociais como cisheteropatriarcado, racismo, sexismo, capitalismo e etarismo, que afetam a constituição de identidades e interações sociais. A interseccionalidade é crucial para entender como esses elementos se interligam na formação da identidade e no relacionamento social (Akotirene, 2019).

Freud foi pioneiro em refletir sobre a sexualidade para além do ato sexual como forma de reprodução ou com vínculo aos órgãos sexuais (Freud, 2016). Entretanto, é Jung que se propõe a refletir sobre a sexualidade de maneira ainda mais ampliada.

Jung (2016) vê a libido como uma expressão da energia psíquica, uma força natural que se manifesta de diversas formas, como na fome e no sono, sendo a sexualidade apenas uma dessas manifestações. Ele destaca a interação dinâmica entre o corpo e os processos psíquicos, onde essas duas instâncias se influenciam mutuamente. Assim, compreender a sexualidade como parte do desenvolvimento humano é essencial, e negá-la representaria uma limitação da consciência.

Segundo Jaffé (1983), a ênfase exclusiva na consciência racional contemporânea leva à supressão dos instintos, podendo ser a raiz de diversas neuroses e doenças psíquicas. O ponto que mobiliza a questão sexual é o *problema da moral sexual moderna*. Procura-se consentir com a moral, por vezes racionalmente, mas isso pode acarretar um estado de desconexão consigo mesmo. Cria-se um duelo entre suprimir-se ou libertar-se, a esse conflito dá-se o nome de neurose (Jung, 2021).

Dessa maneira, pode-se utilizar da mitologia como uma das ferramentas para a busca de equilíbrio entre os polos desconexos. A linguagem mitológica expressa algo misterioso, que ultrapassa o discurso lógico da consciência. O mito seria uma roupagem ou um escafandro que os seres humanos podem utilizar para se vestirem e adentrarem no universo simbólico, levando luz às sombras (Boechat, 2009).

A origem da vida é comparada ao despertar da consciência e ao crescimento psicológico. Na visão mitopoética, Hillman (2007, p. 11) sugere que Afrodite encoraja as mulheres ao conclamar que "[...] mantenham viva a fantasia sexual! Imaginem! Imaginem! Imaginem!". Ou seja, que receios, medos, vergonhas e menopausas não sejam impeditivos para viver a completude do ser. Para Hillman (2007), a tarefa que as mulheres enfrentam em direção ao prazer e desejo está para além do condicionamento patriarcal, diz de uma resistência arquetípica. No entanto, há um mistério que intriga e impulsiona o universo feminino. Dessa forma, o presente artigo pretende, por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, aprofundar e estabelecer conexões entre temas de natureza qualitativa e de perspectiva narrativa. Dessarte, estimula novos olhares sobre a sexualidade e a erótica no envelhecimento, por meio de um panorama sócio-histórico inicial. Abordando-a como expressão que transcende o olhar meramente patológico, mas como um espaço de autoconhecimento que impulsiona a criatividade e as transformações pessoais e coletivas. Compreende-se a resistência por se tratar de um tema tabu, no entanto, fomenta-se a ressignificação, o conhecimento e o contato com o próprio corpo. Afinal, conhecer a si pode ser fertilizante para a expressão da alma[3].

[3]Ao usar o termo "alma", pretende-se enfatizar os processos psíquicos internos e a relação do indivíduo com seu inconsciente, reafirmando assim o valor e a

DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

Aspectos sociais da sexualidade

Para conhecer a si, é necessário partir dos contextos que nos cercam e podem influenciar nossa formação. Senem e Caramaschi (2017) afirmam que a história da sexualidade evolui ao longo do tempo, frequentemente exigindo um distanciamento temporal para análise. No período denominado "sexualidade primitiva mítica", destacavam-se elementos femininos, maternos e procriadores, organizados de forma matriarcal. Nesse contexto, as mulheres eram responsáveis pela criação de novas tecnologias e pela administração da comunidade, enquanto os homens se dedicavam à caça (Vicentino, 1997).

Entre o décimo e o oitavo milênio a.C. há a instauração de um modelo patriarcal. Já na Idade Média, no Ocidente, os preceitos cristãos reforçavam a submissão e a desvalorização das mulheres, promovendo a repressão sexual por meio da culpa e do controle. Mulheres que tivessem relações sexuais fora do casamento podiam ser severamente punidas, e práticas como adultério, prostituição e sexo durante o fluxo menstrual eram consideradas impuras, em consonância com o ideal de virgindade e pureza cristã (Senem; Caramaschi, 2017).

Para Foucault (1999), o princípio das amarras sexuais foi vinculado à religião, mas ao longo do tempo se tornou vinculado à medicina, deixando de ser uma questão meramente leiga e tendendo a se encaixar agora em uma noção de normalidade e não mais apenas na culpa cristã. Sendo assim, agora a sexualidade responde a uma lógica de instituição, tornando-se um negócio do Estado.

Na busca pela origem das doenças mentais, a medicina identificou nas perversões sexuais um ponto de partida. De acordo com Foucault (1999, p. 45), “O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas...”. Assim, a tentativa de controlar e restringir a sexualidade de determinados corpos à reprodução e procriação e o que escapa a essa ordem, escapa a uma ideia de normalidade.

Nessa perspectiva, é possível refletir sobre a possibilidade de um caráter utilitário do ser humano; treinam-se os corpos para serem orientados para determinados tipos de comportamento, aproximando-nos do que Foucault (2009) denomina como poder disciplinar.

Sexualidade como expressão humana

A sexualidade é uma forma de ser e estar no mundo, sendo o sexo apenas uma de suas expressões. Dessa maneira, envelhecer não quer dizer tornar-se assexuado (Uchôa *et al.*, 2016). Mas quais as possibilidades de expressão desse aspecto humano no desenvolvimento?

A proposta é expandir a discussão além do viés patológico. A inibição da vivência da sexualidade pode ter relação com a escassa discussão sobre o tema que está na sombra, não somente no envelhecimento como em outros momentos do desenvolvimento. Para Hollis (2019), é fundamental que a pessoa confronte conscientemente a sua sombra, pois isso a encoraja a reconhecer as próprias potencialidades curativas.

Entre 2010 e 2022, a idade mediana da população brasileira aumentou de 29 para 35 anos, indicando um envelhecimento demográfico (IBGE, 2023a). A proporção de pessoas mais velhas na população total cresceu, e a expectativa de vida para nascidos em 2022 é de 75,5 anos (IBGE, 2023b). Sendo assim, qual o lugar do corpo envelhecido em nossa sociedade? Há lugar para o desejo desses corpos?

A pesquisa de Uchôa *et al.* (2016) indica que, mesmo diante de disfunções sexuais, muitos idosos não buscam assistência, sugerindo que a sexualidade não é frequentemente abordada por profissionais de saúde. Por vezes, tais profissionais temem serem desrespeitosos por indagarem questionamentos no âmbito sexual e, por outro lado, idosos temem serem mal interpretados, optando pelo silêncio (Vieira; Saraiva; Coutinho, 2016).

Nota-se, também, que essa população carece de informações relacionadas às IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), tendo em vista que no período da sua juventude essa temática geralmente não foi tão abordada. Ademais, eles não são vistos como público-alvo, sendo muitas vezes invisíveis para políticas

importância deste último (JUNG [1875-1961], 2015 § 286).

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

públicas de prevenção no cenário atual (Uchôa *et al.* 2016).

De modo geral, percebe-se que a cultura, ao desenvolver-se, coloca a sexualidade como algo de menor valor, "[...] comparável à água no deserto árido." (Jung, 2000, p. 238, p.54). No entanto, mesmo com o baixo estímulo social e/ou dogmático para expressar a sexualidade no envelhecimento, constata-se que o desejo persiste e pode aparecer por outras vias, como na forma de se cuidar, vestir-se, apresentar-se para o mundo e se tocar.

Segunda metade da vida e criatividade

> Por que não despertamos e descobrimos que somos outro? Somos totalmente contínuos.
> (Marie Louise von Franz, 1988, n.p)

Observamos que os desejos pessoais são frequentemente moldados por fatores sociais e estão imersos em preconceitos, os quais dificultam a expressão fluida da criatividade. Além disso, a criatividade, a imaginação e a fantasia podem atuar como elementos fertilizantes para a vivência do desejo. Conforme apontado por Jung (2000), a segunda metade da vida torna-se um terreno fértil para reavaliações e potencializações de novas formas de se posicionar no mundo.

Assim, ao considerar a expressão do desejo ao longo da vida, é importante destacar que o envelhecimento, embora frequentemente associado à diminuição de certas capacidades, também pode abrir espaço para novas formas de vivência e ressignificação desses desejos. Vieira, Saraiva e Coutinho (2016) afirmam que, apesar de desenvolvimento e envelhecimento serem vistos como opostos, ambos integram o ciclo vital. O envelhecimento é marcado por características naturais, como menor plasticidade e maior vulnerabilidade, mas é relevante notar que cada indivíduo vivencia esse processo de maneira única, o que permite a possibilidade de reavaliações e transformações nas formas de se relacionar com o mundo e com os próprios desejos

Jung (2000, § 798, p. 359) observa que "aqueles que mais temem a vida enquanto jovens são justamente os que mais têm medo da morte quando envelhecem". Contudo, o impulso que direciona para uma finalidade ou para continuidade do processo de individuação não é interrompido quando se atinge o amadurecimento.

Na Psicologia Analítica, o foco que na primeira metade da vida estava nos processos interpessoais se direciona para os processos intrapsíquicos, busca-se uma relação mais verdadeira com a própria existência (Samuels; Shorter; Plaut, 1988). A sexualidade pode exercer uma influência positiva na qualidade de vida, uma vez que está intimamente ligada ao prazer, bem-estar, autoestima e desejo, refletindo-se em diversos aspectos psicológicos, sociais, culturais e geracionais (Vieira; Saraiva; Coutinho, 2016).

O ser humano possui a habilidade de criar. Essa capacidade, como descreve Jung (2000), não se trata de uma característica aprendida ou consequência biológica, mas de uma função naturalmente psíquica. Entretanto, ainda que não seja considerado um instinto, possui papel fundamental em proporcionar caminhos na consciência para o inconsciente poder se expressar.

Assim, compreende-se que, na segunda metade da vida, a busca é cada vez mais pela autenticidade, que pode ser despertada pelos processos de raiz criativa, e por que não encontrar essa vivência por meio de uma nova maneira de sentir e proporcionar prazer?

Qual o lugar do prazer sexual?

O prazer tem como objetivo a expressão da sexualidade humana, tendo significado para além da reprodução. Entretanto, nota-se que, devido à cultura, os idosos ocasionalmente se sentem envergonhados ou culpados ao perceberem seus desejos, ou por sentirem o ímpeto de buscar o prazer sexual (Vieira; Saraiva; Coutinho, 2016).

De acordo com Jacoby (2023), a vergonha é uma experiência coletiva e objetiva, não apenas subjetiva, que busca preservar a privacidade, integridade e identidade do indivíduo. Ela é uma emoção complexa que regula os limites de proximidade e distanciamento nos relacionamentos íntimos.

É provável que a temática do sexo tenha sido colocada em um lugar sombrio e vergonhoso de tabus, podendo despertar uma possível resistência psicoterapêutica decorrente da vergonha.

DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

A percepção da vergonha varia conforme a ênfase cultural na individualidade ou coletividade. Na psicodinâmica, vergonha e culpa são emoções inconscientes que podem dificultar a expressão do inconsciente. A psicoterapia ajuda a reconhecer e integrar essas emoções de forma saudável, em um ambiente seguro, permitindo que o paciente explore suas vulnerabilidades sem julgamento, o que é fundamental para sua transformação e crescimento pessoal (Pedraza, 2010).

Na clínica, a vergonha pode indicar também que a consciência psíquica está em movimento, sendo uma força interior que busca ser reconhecida e desempenha um papel significativo nesse processo (Pedraza, 2010).

O foco em patologias e mudanças no funcionamento sexual desvia a atenção dos desafios emocionais que os idosos enfrentam em relação à sexualidade como um todo. De acordo com Vieira, Saraiva e Coutinho (2016), os idosos expressam percepções sobre prazer, intimidade, companheirismo, desejo e autoestima, todos esses aspectos integrados à representação da sua sexualidade.

Assim, a sexualidade pode ser compreendida como a busca pelo prazer por meio de gestos carinhosos e carícias, indo além do desejo físico, envolvendo também o anseio por conexão emocional e companheirismo (Vieira; Saraiva; Coutinho, 2016).

Ou seja, é um aspecto plural da psique. Todavia, questiona-se: trata-se de uma vergonha ou da imagem negativa construída sobre a sexualidade? Ou até mesmo por um desconhecimento do seu próprio corpo? Nessa perspectiva, a vergonha pode ser modulada a serviço da vivência positiva da sexualidade?

A mitopoese da sexualidade: sexo é imaginação, tocar-se é poesia[4]

A compreensão do corpo e de suas sensações pode impactar no desejo sexual, na capacidade de se excitar e sentir prazer. A percepção da própria excitação pode ser estímulo para o próprio desejo e excitação. Entretanto, "tocar-se" ainda possui estranheza, afinal, a masturbação ainda é vista socialmente como algo indesejável (Baumel, 2014).

Além do prazer resultante da masturbação feminina, outros aspectos podem surgir desse processo, tais como: bem-estar físico da mulher, compreensão e funcionamento do corpo ou mesmo a identificação de desconfortos associados a essa prática. Com o tempo, o receio de explorar o prazer e o próprio corpo pode diminuir, seja na masturbação individual, em companhia ou com acessórios sexuais. O objetivo passa a ser sentir-se confortável e confiante em relação ao próprio corpo (Marcon, 2022).

O orgasmo é uma sensação física de prazer e alívio das tensões, frequentemente acompanhada por contrações rítmicas dos músculos pélvicos (Marcon, 2002). A experiência do orgasmo varia entre indivíduos, assim como suas habilidades de sentir e imaginar o sexo. Em outras palavras, o relaxamento durante a experiência da sexualidade é um processo de aprendizado constante, não apenas uma busca ansiosa por um desfecho.

Vale ressaltar a diferenciação entre o desconhecimento do que lhe dá prazer, da chamada vulgarmente como frigidez, tecnicamente conhecida como Transtorno da dor gênito-pélvica/penetração ou Transtorno do desejo sexual hipoativo (TDSH)[5]. A anorgasmia está relacionada com a condição de não sentir excitação ou prazer. Em todo caso, o que deve ser estimulado são espaços seguros para ampliação e discussões sobre fantasias, dificuldades, vergonhas, medos para que, somente assim, compreenda-se qual o caminho a ser trilhado.

Há uma necessidade constante de abrir o diálogo sobre sexualidade entre mulheres, especialmente durante o envelhecimento, um período influenciado por costumes e heranças sociais formados anteriormente. Mitos e tabus permeiam a temática da sexualidade, confrontá-los é crucial para uma expressão autêntica do eu. No entanto, há uma carência de pesquisas detalhadas sobre métodos para promover esse entendimento, segundo Chaves (2022).

Compreende-se que a sexualidade vai além da penetração ou do ato sexual em si. Ampliar essa visão

[4]Assim como o título deste trabalho, parte da nomenclatura desta seção referencia outro trecho da canção "Amor e Sexo", interpretada por Rita Lee (2003): "Sexo é imaginação/Fantasia/Amor é prosa/Sexo é poesia".

[5]De acordo com DSM-5, esse transtorno está associado a sintomas frequentemente coexistentes, como dificuldade em manter relações sexuais, dor na região genital ou pélvica, medo da dor ou da penetração e tensão nos músculos do assoalho pélvico. Entende-se que a dificuldade em qualquer um desses aspectos pode resultar em um sofrimento clínico significativo, especialmente considerando a prevalência desses sintomas entre as mulheres. Além disso, as pessoas afetadas enfrentam consequências negativas relacionadas às narrativas sociais, como a pressão para priorizar o desejo sexual masculino e a atividade sexual centrada na penetração. Em outras palavras, há visões culturais que desvalorizam a experiência sexual feminina (American Psychiatric Association, 2014).

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

pode contribuir para uma melhor qualidade de vida em níveis pessoais, sociais e culturais. Afinal, o objetivo do processo de individuação não é a perfeição, mas sim completude (Franz, 2021).

Erótica na velhice

O que é um corpo? Deleuze (1976) argumenta que muitas vezes ignoramos nossa própria corporeidade. O corpo humano é resultado do acaso e da interação de forças diversas, sendo um fenômeno complexo em constante transformação. Seus desejos e percepções mudam com o tempo, influenciados por doenças, hábitos, novas formas de prazer e avanços médicos e tecnológicos (Foucault, 1999).

Assim, qual o lugar da erótica no corpo envelhecido? O erotismo é uma experiência que transcende a consciência, ligada à imaginação e a fantasias íntimas, variando de pessoa para pessoa. Embora a expressão erótica corporal não seja frequentemente incentivada na idade avançada, Bataille (1987) afirma que o erotismo é o que desafia a consciência do ser humano, colocando-o em questão. Em outras palavras, o senso erótico provoca um conflito entre o senso moral e os desejos da vida interior.

Com o envelhecimento, as pessoas acumulam experiências e desejos, podendo incluir uma expressão saudável da sexualidade. A pluralidade psíquica sugere que a sexualidade na velhice é uma parte natural e significativa da vida emocional, assim, o erotismo alia-se ao universo da fantasia e imaginação, podendo auxiliar a lidar com as mudanças associadas ao envelhecimento (Chaves, 2022).

Conclusão

Os tabus, mitos e estereótipos que permeiam a temática da sexualidade são detectados logo no início da discussão sobre a vida sexual, podendo se prolongar e potencializar ao longo dos anos. É imprescindível que a diferenciação entre sexo e sexualidade seja feita, assim como, a ampliação da compreensão das lógicas que permeiam os corpos na atualidade.

Ao ampliarmos a discussão sobre corpos, espaço e expressividade, podemos contribuir para uma melhor qualidade de vida. O sexo está para além do ato reprodutivo. Enquanto vincularmos a essa ideia, o corpo envelhecido seguirá sendo visto como assexuado. E é desta lógica que buscamos nos afastar neste artigo.

Na velhice, a sexualidade pode variar em forma e intensidade, mas continua a ser significativa, afinal, vai além do sexo, é uma parte fundamental da experiência humana. Observa-se que a população idosa carece de informações sobre sexualidade de forma natural e humanizada. Muitas vezes, essas informações só são disponibilizadas em casos de patologia ou nem isso. É essencial criar espaços para discutir o prazer, mesmo na velhice.

A expressão da criatividade pode ser grande propulsor para expressão e estímulo do fortalecimento da autenticidade humana, tendo em vista que a sexualidade é apenas uma das expressões possíveis da diversidade psíquica.

O erotismo pode se tornar uma ferramenta para trazer a consciência de sua própria interioridade, não sendo mais algo a se negar, mas para se olhar como um valioso tesouro. Alguns desses desafios perpassam a vergonha e a culpa, aspectos estruturantes da concepção pessoal e coletiva. Entretanto, o surgimento e o melhor entendimento acerca dessas expressões podem indicar um movimento psíquico, em que forças desconhecidas desejam se tornar conhecidas. Aspectos sombrios desejam chegar à luz.

Portanto, este artigo não pretende esgotar as discussões, mas ampliar as reflexões sobre a sexualidade no envelhecimento para além de uma patologia instalada, mas como estímulo à criação e acesso a técnicas e protocolos voltados para melhor vivência da velhice. Afinal, ao ampliarmos a compreensão sobre o que é a sexualidade, podemos ampliar também as possibilidades de sua experiencia.

Agradecimentos

Agradeço profundamente à minha instituição de ensino, que proporcionou o ambiente de aprendizado e os recursos necessários para a realização deste manuscrito. Aos meus professores, que com seu conhecimento, orientação e incentivo, foram fundamentais em cada etapa deste processo. E, especialmente, à minha família que esteve ao meu lado com amor, compreensão e apoio incondicional, tornando possível a

concretização deste trabalho. Sem todos vocês, este sonho não seria realidade.

Referências

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*: DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMOR e sexo. Intérprete: Rita Lee. Compositor: R. Lee; R. Carvalho; A. Jabor. In: BALACOBACO. *Intérprete*: Rita Lee. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD.

BAUMEL, S. W. *Investigando o papel da masturbação na sexualidade da mulher.* 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014. Disponível em: https://docplayer.com.br/8065229-Investigando-o-papel-da-masturbacao-na-sexualidade-da-mulher.html. Acesso em: 04 jan. 2024.

BOECHAT, W. *A mitopoese da psique:* mito e individuação. 2 ed. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHAVES, K. C. S. A sexualidade de Mulheres Idosas. *Revista ABRASEX*, n. 1, p. 94-104, 2022. Disponível em: https://www.abrasex.com.br/revista-abrasex/. Acesso em: 05 jan. 2024.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosófica.* Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I:* A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Ed. 13. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRANZ, M. L. V. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1988. E-book (n.p).

FRANZ, M. L. V. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 2021.

FREUD, S. Obras Completas. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (o caso Dora) e outros textos*. V. 6. [P. 1856-1939]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HILLMAN, J. Loucura cor de rosa, ou por que Afrodite leva os homens à loucura com pornografia? *Cadernos Junguianos III*. Associação Junguiana do Brasil – v. 3, n. 3. São Paulo: AJB, 2007, p. 7-35.

HOLLIS, J. *A passagem do meio*: da miséria ao significado na meia idade. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulus, 2019.

IBGE. *Censo 2022*: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Agência de Notícias do IBGE, 2023a. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de- noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos. Acesso em: 02 jan. 2024.

IBGE. *Em 2022, expectativa de vida era de 75,5 anos*. Agência de Notícias do IBGE, 2023b. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos. Acesso em: 02 jan. 2024.

JACOBY, M. *A vergonha e as origens da autoestima*: abordagem junguiana.

JAFFÉ, A. *O mito do significado*: na obra de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1983.

JUNG, C. G. Obras completas. v. 5. *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. Obras completas. v. 7/1. *Psicologia do inconsciente*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

JUNG, C.G**.** Obras completas. v. 8/2. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCON, M. L. D. Masturbação feminina como técnica de autodescoberta. *Revista Abrasex*, v. 1, n. 1, p. 35-47, jul. 2022. Disponível em: https://www.abrasex.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Revista-da-Abrase-n-1-leve-FINAL.pdf. Acesso em: 02 jan. 2024.

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1243

PEDRAZA, R.L. *As emoções no processo psicoterapêutico*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SENEM, C. J.; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. *Barbarói*, n. 49, p. 166 - 189, 12 dez. 2017. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6420. Acesso em: 05 jan. 2024.

STEIN, M. *O Mapa da alma:* uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006. Tradução de Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2023.

UCHÔA, Y. *et al.* A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Geriatria* e *Gerontologia,* v. 19, n. 6, p. 939-949, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/7dtmjLMf3c4bHR8bgcQDFXg/?lang=pt#. Acesso em: 03 jan. 2024.

VICENTINO, C. *História Geral.* São Paulo: Scipione, 1997.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A.. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 1, p. 196–209, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/dtF8qQ6skTwWk4jK5ySG7Gq/?lang=pt#. Acesso em: 03 jan. 2023.

Recebido em: 05/01/2024
Aprovado em: 20/02/2025